

“Levando ao mundo inteiro, a bandeira de Oxalá”: o olhar dos estudantes de biblioteconomia para a Umbanda¹.

² Fernanda Mohr Retamero

³Ana Claudia Perpétuo de Oliveira.

Resumo: A umbanda é uma religião de matriz africana formada por elementos trazidos pelos escravizados, índios, pelo catolicismo e kardecismo, faz parte da cultura afro-brasileira. Percebe-se que no contexto brasileiro os adeptos da religião sofrem intolerância religiosa de adeptos de outras crenças. Este artigo tem como objetivo geral analisar a percepção dos estudantes de biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina sobre a umbanda. Tem como objetivos específicos, investigar o papel social dos bibliotecários, caracterizar o ambiente do estudante de biblioteconomia da UFSC e apresentar o histórico sobre a umbanda. Utiliza a pesquisa de campo com a metodologia baseada na Teoria das Representações Sociais e a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo para o tratamento das entrevistas. Destaca - se a importância e a falta de disciplinas que tratam do tema abordado.

Palavras chaves: Biblioteconomia; Umbanda; Bibliotecário; Racismo.

¹Artigo elaborado como Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Biblioteconomia, do Centro de Ciências da Educação (CED) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

²Graduanda do Curso de Biblioteconomia do Departamento de Ciência da Informação (CIN), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) - E-mail: fernanda.mohr@gmail.com

³Orientadora Professora do Departamento de Ciência da Informação, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) - E-mail: ana.oliveira@ufsc.br

1 INTRODUÇÃO

A umbanda foi reconhecida há mais de 100 anos no Brasil e possui traços africanos, do catolicismo, indígenas e do kardecismo. Em Florianópolis seu reconhecimento como religião tem apenas 82 anos. relata que o primeiro centro de umbanda de Florianópolis foi fundado em 1947 e registrado oficialmente em 1953, sua dirigente era a Mãe Malvina e o terreiro se denominava Centro Espirita São Jorge.(TRAMONTE 2001). Com o passar dos anos, a religião de matriz africana alcançou visibilidade e em 2017, de acordo com um estudo feito pelo Núcleo de Estudos de Identidades e Relações Interétnicas da Universidade Federal de Santa Catarina (2017), há em média 244 terreiros em Florianópolis. Vale lembrar que este número aumentou nos últimos 5 anos.

Este artigo tem como objetivo geral analisar a percepção dos estudantes de biblioteconomia sobre a umbanda. Para isso foram delineados três objetivos específicos: Investigar o papel social dos bibliotecários, caracterizar o ambiente do estudante da biblioteconomia da UFSC e apresentar o histórico sobre a umbanda.

Esta pesquisa surge a partir de acontecimentos particulares, por ser umbandista. Para não falar que sou umbandista, muitas vezes falo que sou espírita, pois se digo sobre minha religião muitas vezes escuto: *“Ui! Terreiro, macumba”, ou perguntam “você é macumbeira”? de maneira pejorativa. Uma vez em sala de aula, uma aluna fez um trabalho sobre o candomblé, uma religião também de matriz africana, porém com algumas diferenças da umbanda, e duas alunas atrás de mim falaram “como é possível alguém levar uma criança para um lugar desse”. Já fui abordada no ônibus, por estar de preceito, ou seja, toda de branco e cabeça coberta, perguntando se eu lia a bíblia. Outra pessoa um dia desses me disse: “Jesus te ama”. Quando fui fazer uma entrevista para auxiliar de biblioteca, uma das perguntas da bibliotecária foi qual era minha religião. Ao mencionar que eu sou umbandista ela me disse que não contratava pessoas desse tipo. Portanto, as questões sobre o preconceito e intolerância religiosa estão no contexto do meu vivido.*

Esta vivência me fez refletir em algumas questões que me levaram a esta pesquisa: A formação tem realizado a abordagem sobre os preconceitos e intolerâncias? Os conteúdos ligados às questões étnico raciais estão sendo

mencionados no ambiente de formação? Como será um bibliotecário que irá mediar a informação para diversas pessoas e não consegue se distanciar de pré julgamentos? O quanto tal postura pode dificultar e ameaçar o discurso de acesso para todos?

Para responder tais questões foi realizada uma pesquisa de campo que trouxe as percepções sobre a umbanda dos alunos do último semestre do curso de biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina. Baseando-se na Teoria das Representações Sociais (TRS). Para fazer a análise dos resultados foi utilizada a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo, não revelando a identidade dos entrevistados.

Portanto o tema escolhido se justifica por abordar um assunto de relevância para a área da biblioteconomia e para a sociedade em que o profissional bibliotecário vai atuar. Além disso, esta pesquisa pode trazer uma visão destes alunos sobre a religião afro-brasileira Umbanda e assim trazer uma contribuição para os novos bibliotecários.

2. CONCEITOS RELEVANTES

Neste capítulo serão apresentados conceitos para uma maior compreensão do assunto abordado. Serão duas descrições, a primeira será sobre o papel social do bibliotecário e a segunda com relação a formação do bibliotecário e o ambiente do estudante de biblioteconomia da UFSC. Além de uma terceira definição a respeito da umbanda, para embasamento do estudo.

2.1 O papel social do bibliotecário

A imagem de que o bibliotecário era apenas “ o guardião de livros”, já não faz mais sentido, atualmente este profissional é muito mais que técnica, é habilidade, é competência, é humanista. O bibliotecário faz o intermédio do usuário e a informação, ou seja, ele é a referência, buscando se integrar com a comunidade em que atua e seus problemas sociais. De acordo com Righetto et al (2019, p. 232) O papel do bibliotecário vai além de suas práticas tecnicistas. Seu papel como

mediador é indiscutível, seja em espaços físicos, serviço de referência ou aquisição de materiais no desenvolvimento da competência em informação.

Segundo o Código de ética do bibliotecário da Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias, o bibliotecário deve promover a inclusão e erradicar a discriminação, deve também assegurar o acesso a informação para qualquer pessoa de qualquer idade, nacionalidade, crença política, condição física ou mental, gênero, descendência, educação, renda, condição migratória ou de asilo, situação matrimonial, origem, raça, religião e orientação sexual. (IFLA, 2012). Neste contexto, entende-se que o bibliotecário, não deve apenas desempenhar técnica, mas, se preocupar com a comunidade, saber sobre as políticas públicas e se atentar com as causas sociais. (FERRAZ; DUMONT 2018). Sendo uma delas a intolerância religiosa. Castrillón (2011, p. 26) evidencia que “as bibliotecas devem se comprometer com os objetivos político, social e cultural”.

O Conselho Federal de Biblioteconomia em seu Código de Ética (2018, p1), estabelece que,

A atuação do bibliotecário fundamenta-se no conhecimento da missão, objetivos, áreas de atuação e perfil sociocultural do público alvo da instituição onde está instalada a unidade de informação em que atua, bem como das necessidades e demandas dos usuários, tendo em vista o desenvolvimento dos indivíduos e da sociedade.(CFB 2018).

Partindo deste conceito, é evidente que esta profissão, segundo Cunha (2003, p. 43), “é de mediação e de contato, na qual as atividades são realizadas com o outro e para o outro”. O papel do bibliotecário é respeito, solidariedade e empatia. Entendendo que ele se conecta com a sociedade em que está inserida. Seu objetivo é amenizar a falta de informação e as barreiras construídas pelo preconceito e opressão existente, devendo ter a consciência voltada para a comunidade em que atua.(RIGHETTO et al 2019).

O papel do bibliotecário é subsidiar elementos para o desenvolvimento do senso crítico e promover espaços para o debate em busca por soluções de problemas sociais. (SUDSTRÖM 2019). Este profissional deve atuar como agente educacional assumindo práticas transformadoras na sociedade. Civarello (2014, p. 6) destaca que o bibliotecário pode desempenhar um importante papel na sociedade,

[...] ele pode lutar contra o racismo e a discriminação, pode ensinar tolerância e respeito, pode facilitar a integração em sociedades multiculturais. Pode dar voz àqueles que são mantidos em silêncio (...). Pode conseguir isso, e, pela primeira vez na história, o poder não ficará nas mãos de poucos. Pode conseguir algum equilíbrio. Pode derrubar paredes e construir pontes (...). Na verdade, ele não pode. Deve. (CIVARELLO 2014).

Desse modo, o bibliotecário irá agir em conformidade com o Código de Ética do bibliotecário, promovendo a inclusão dos grupos excluídos da sociedade, sem discriminação, proporcionando a estes indivíduos acesso ao conhecimento e a cultura. Neste entendimento, Tarapanoff, Suaiden e Oliveira (2002, p.7) recomendam que,

Na busca por uma sociedade mais justa, com o fim das desigualdades sociais, cabe ao profissional da informação um papel de mediador da informação, onde ao mesmo tempo ele utiliza novas tecnologias alicerçadas ao desenvolvimento social, ou seja, ele desenvolve um papel fundamental para acabar com a exclusão digital e a falta de acesso à informação.

A partir destas recomendações é certo que a missão do bibliotecário é facilitar o acesso à informação, mas também despertar no usuário o interesse de entender, opinar, criar, refletir, discutir, além de estimular o desejo de aprender e conhecer. (OLIVEIRA; ALVES; MAIA 2013). Este é um desafio para o profissional, auxiliar seu usuário a construir o conhecimento.

É importante evidenciar que o papel social do bibliotecário deve ser estruturado desde dos primeiros anos da graduação de biblioteconomia. Sousa e Feitosa (2018, p. 61) apontam que “é durante a graduação, através de disciplinas e projetos de pesquisa e de extensão, que se espera que o entendimento do papel social do bibliotecário deva ser construído e elucidado”. As autoras ainda ressaltam, que é na formação acadêmica que este profissional adquire competências para agir com criatividade, empenho e responsabilidade social. A seguir será descrito o caminho que o estudante de biblioteconomia percorre em sua formação acadêmica com foco no curso da Universidade Federal de Santa Catarina.

2.2 A formação do bibliotecário e o ambiente do estudante de Biblioteconomia da UFSC

A formação do bibliotecário se dá através de um curso de nível superior com duração de 4 anos. No Brasil, existem 41 cursos de biblioteconomia, todos em universidades públicas. (PAIVA et al 2017). Um curso que cresce gradativamente todos os anos.

Durante o curso de graduação de biblioteconomia o estudante aprende logística de documentação, linguagens documentárias, recursos informacionais, indexação, Representação Descritiva, entre outras.

A partir desta breve descrição, a seguir a contextualização do ambiente do curso de biblioteconomia da UFSC.

O curso de biblioteconomia na UFSC foi criado em 1973, a partir de uma portaria n. 208/73, de 10 de outubro de 1977, e foi reconhecido pelo Conselho Federal de Educação (CFE) em novembro de 1977. O objetivo inicial do curso era, segundo Souza (2000, p.5) “preparar bibliotecários para atender as necessidades e demandas de profissionais com formação adequada para organizar informações e documentos de Instituições universitárias que começavam a ser instalados no Estado de Santa Catarina”. Neste contexto, percebe-se que no início havia uma preocupação em formar profissionais para mediar a informação e organizá-la. Entretanto, conforme a sociedade ia mudando, o curso foi evoluindo e com isso sua missão passou a ter outras formas de expressão, Caldin, et al (1999, p.9) revela que esta evolução “tem a ver com o progresso de discussão que se desenvolve entre os professores, associado à necessidade de manter o Curso sintonizado com as mudanças da sociedade”. Com o progresso dessas discussões, atualmente o objetivo do curso é,

Formar Bibliotecários com uma visão crítica da sociedade capazes de atuar como profissionais da informação imbuídos do compromisso com a gestão da informação e sua disseminação e com consciência do seu papel social na eliminação de barreiras de acesso à informação seja de natureza política, tecnológica, econômica, educacional, social, cultural e recreativa. Além desses o Curso também tem por objetivos processar a informação registrada em diferentes tipos de suporte; aplicar conhecimentos teóricos e práticos de gestão no planejamento e funcionamento de

unidades de informação; gerir atividades de seleção, análise, uso da informação; dominar as tecnologias de informação para uso em serviços de informações; gerenciar a implantação de programas de informatização em unidades de informação; atuar como estimulador e orientador no uso de recursos informacionais através de ações e programas de educação de usuários. (UFSC, 2016).

A partir desses objetivos, o curso de Graduação de biblioteconomia tem como missão formar bibliotecários que além de organizar e disseminar a informação, tenham uma visão humanista de acordo com a sociedade em que ele está inserido. Mendonça, (2010, p. 40) assegura que “o curso tem uma contribuição para a sociedade, com o ensino e conhecimentos que são produzidos e transmitidos através do convívio no meio social, permitindo às pessoas a capacidade de criar, pensar, agir e disseminar a informação”.

A grade curricular é dividida em 8 fases, sendo estruturada da seguinte forma: núcleo comum, específico e complementar. Este currículo é atualizado conforme as necessidades que o desenvolvimento social impõe. (MENDONÇA 2010).

Os quadros abaixo apresentam as disciplinas com contexto social de cada núcleo.

Disciplinas com contexto social do núcleo Comum

Disciplina	Ementa	Fase
Ética Profissional	As questões éticas e a atuação profissional. Legislação.	2
História do Brasil Contemporâneo	História e cultura afro-brasileira e indígena. Da 1ª República à Ditadura militar. A redemocratização e o Brasil: temas atuais e questões contemporâneas.	3
Interação Comunitária I	Inserção em ambientes públicos de acesso à informação. Organização, acesso e democratização aos serviços de informação. Atividades integradoras para acesso à informação pela sociedade.	3
Acessibilidade e Inclusão Digital	Estudo dos processos de inclusão/exclusão social pela interface digital.	4
Interação Comunitária II	Tipos e níveis de transferência do conhecimento. Criação, implementação e disseminação de	4

	tecnologias sociais da informação em comunidades de baixa renda.	
--	--	--

Quadro 01 – Disciplinas sociais do núcleo comum (Projeto Pedagógico do Curso 2016)

Disciplinas com contexto social do núcleo Específico

Disciplina	Ementa	Fase
Estudo de usuário	Caracterização de usuários da informação. Paradigmas de estudos de usuários: tradicional, alternativo e social. Prática de estudos de usuários.	5
Relações Humanas	A personalidade humana. Os grupos e sua dinâmica, a comunicação e seus problemas.	5

Quadro 02 – Disciplinas sociais do núcleo específico (Projeto Pedagógico do Curso 2016)

Disciplinas com contexto social do núcleo complementar

Disciplina	Ementa
Sociologia e Cultura	Modernidade: concepções. Pós-modernidade: concepções. Cultura de massa: conceitos. Hibridação cultural: o caso específico da América Latina.
Biblioterapia	Conceitua e apresenta o fundamento filosófico da biblioterapia. Aponta os objetivos e aplicações da Biblioterapia. Apresenta o método biblioterapêutico.
Informação e Cidadania	Trata do Estado e da garantia dos direitos do cidadão e da coletividade à informação e comunicação.

Quadro 03 – Disciplinas sociais do núcleo complementar (Projeto Pedagógico do Curso 2016)

Observando estas disciplinas referentes aos três núcleos de ensino do curso, verifica-se que apesar da formação do estudante ser voltada para conteúdos técnicos, profissionais, éticos e políticos, não há temáticas sobre causas sociais, discriminação, racismo ou intolerância religiosa. Para a Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação,

A universidade, para a consecução de suas finalidades educativas, deve reforçar o seu papel de instituição social procurando implementar ações que contribuam para a formação de um cidadão capaz de atuar no seu contexto social de forma competente tecnicamente e comprometido com a construção de uma sociedade mais justa, solidária e ética. A educação superior deve, portanto,

estabelecer princípios que guiem não só a formação técnico-científica, que o mundo do trabalho requer, mas também a formação do cidadão que uma sociedade inclusiva exige.(ABECIN, 2001, p.11, grifo nosso).

Isto posto, o curso de biblioteconomia da UFSC, deve incentivar o desenvolvimento de competências, habilidades e atitudes, fazendo o aluno participar de projetos de pesquisa, de extensão, de ensino, culturais e eventos científicos. Sousa e Feitoza (2018, p.65) destacam que,

É importante para o curso de biblioteconomia propiciar, através das disciplinas, condições para que o bibliotecário possa cumprir seu papel social e corresponder aos interesses da comunidade na solução de problemas sociais.

Para tanto, segundo o Projeto pedagógico do curso (2016, p.36) o graduando deve estar preparado,

[...] para enfrentar com proficiência e criatividade os problemas de sua prática profissional, produzir e difundir conhecimentos, refletir criticamente sobre a realidade que os envolve, além de buscar aprimoramento contínuo e observar padrões éticos de conduta.

Contudo, como já mencionado, falta no currículo a abordagem de assuntos que refletem nos problemas sociais, como discriminação, exclusão social, racismo, intolerância religiosa. O retrato profissional oferecido para a sociedade, deve acompanhar a modificação social. (BARROS 2018).

Se quisermos amenizar os problemas sociais, e quebrar as barreiras construídas pelo preconceito, racismo, discriminação e assim avançar em uma sociedade para o outro e pelo outro, teremos que inserir e abordar tais assuntos no ambiente universitário dos cursos de biblioteconomia.

2.3 A Umbanda

A origem da umbanda vem muito antes do século XX, mas foi apenas em 1908 que o termo Umbanda surgiu com o jovem Zélio Fernandino de Moraes que o rapaz tinha 17 anos na época e começou a ter incorporações de preto velho e caboclo, a família preocupada o levou para um centro espírita. Após este episódio, no dia 15 de novembro de 1908, às 20:00 se manifestou no jovem um espírito indígena se denominando caboclo das sete encruzilhadas, este declarou que a partir deste dia se iniciava um novo culto em que raízes africanas e indígenas iriam se

unir para trabalharem em benefício do próximo, independente da cor, raça, credo e condição social. (BARBOSA 2016).

A palavra “umbanda” pertence ao vocabulário “banto” cujo significado é “arte de curar”. Esta religião se baseia em três pilares fundamentais: humildade, caridade e amor. Na perspectiva de Jardim (2017, p.69), a umbanda, “tem origem na humildade e reconhece a injustiça da desigualdade social e tem como principal fundamento a humildade e a solidariedade de classe”. Neste mesmo ponto de vista, Flor e Carraro (2016, p.4-5) explicam que “a humildade, caridade e amor, é a troca de sentimentos e vínculos de amizade, no prazer e alegria no ato de dar e na preocupação com o outro, e na recusa de cálculo sobre um possível retorno de algo recebido com as mesmas proporções”.

A partir destes princípios, se originou a umbanda que conhecemos hoje, com suas cantigas, costumes, tradições que aos poucos foram se enraizando na cultura brasileira, misturando assim o candomblé e o catolicismo, que segundo Prandi (2004, p.23), “a umbanda é chamada de religião brasileira porque ela une o catolicismo, a tradição dos orixás da vertente africana, os símbolos e os rituais indígenas, trazendo assim a inspiração das três fontes básicas do Brasil mestiço”.

A formação da umbanda no Brasil começa por volta de 1530 com a combinação de diversos cultos, nações e línguas africanas ocasionando uma mistura religiosa. Ribeiro (2012, p. 5-14) explica que este “processo de mistura cultural se inicia nas senzalas, pois se juntavam escravos de origens diferentes, pois assim dificultava as rebeliões”. Com esta explicação é possível citar alguns fatores marcantes desta mistura:

- Misturas de diversos cultos africanos como: angola, nagô, quêto, etc;
- Fugas e formação de quilombos;
- Agrupamentos de negros e índios para fazerem suas rezas;
- Assimilação de rituais indígenas, como a utilização das ervas medicinais;
- Imposição do catolicismos, o que ocasionou o sincretismo dos orixás com os santos católicos.

Baseado nestes pontos se compreende o porque a umbanda herdou o culto a alguns dos orixás, dos atabaques como instrumento ritualístico e os santos da igreja católica. Para Oliveira (2008, p. 60) “ O que se verificou no universo religioso do Brasil foi que as religiões, que aqui se encontraram, romperam limites e se

amalgamaram, dando origem às novas formas de religiosidade”. Esta nova forma de religiosidade trouxe traços e influências de outros cultos, tradições e culturas de outras raízes. Costa e Miranda (2019, p.160-161) descrevem como essa nova religião se formou,

Religião formada no Brasil [...] por uma seleção de valores doutrinários e rituais, feitos a partir da fusão dos cultos africanos congo-angola, já influenciados pelo nagô, com a Pajelança [...] sofrendo ainda influência dos malês islamizados, do catolicismo e do espiritismo [...] e, posteriormente, do ocultismo. A Umbanda cultua alguns orixás [...] mas cultua também eguns, espíritos de antepassados (entidades) – Caboclos (espíritos de indígenas) e Pretos Velhos (antigos escravos), além das Crianças (espíritos infantis evoluídos). As cerimônias são realizadas em Terreiros, Centros, Tendas ou Cabanas de Umbanda. Também há rituais e oferendas nas matas, praias, cachoeiras, margens de rios e regatos, lagoas etc. Usam pontos cantados e riscados, banhos de ervas sagradas, velas, flores, em seus rituais, bem como oferendas de comidas. [...] As roupas rituais são desde as roupas simples, comuns, brancas, até as roupas baianas, coloridas ou brancas. Os salões de festa (abassá) têm altar (peji ou gongá, tb. congá) com imagens católicas (sincretismo religioso) e de índios (Caboclos) e negros (Pretos Velhos).

As cerimônias umbandistas ocorrem em locais chamados de terreiros, tendas, casas ou barracões. Podem ser feitas também nos reinos como rios, cachoeiras ou praias. Estes rituais são feitos com periodicidade, chamadas de gira ou sessão e são conduzidas por um pai ou mãe de santo responsáveis pela casa. (BERGO 2010).

Outro ponto interessante é que a umbanda, diferente do candomblé, acredita que os orixás são forças da natureza. Bergo (2010, p.88) explica que para os umbandistas, “os orixás influenciam às pessoas e irradiam energias que mantêm o equilíbrio dos elementos do planeta em relação ao universo”. A representação dos orixás na umbanda vem do culto aos orixás que os negros escravizados trouxeram ao Brasil.

Na hierarquia umbandista, abaixo dos orixás vem às entidades ou guias, sendo elas caboclos, pretos velhos, crianças, marinheiros, baianos, exus e pomba giras. Presoto (2014, p.12) relata que “os médiuns entram em transe e recebem os guias, na qual estes são cultuados e dão atendimento aos adeptos, a fim de ajudar aqueles que com eles desejam se consultar”. Conforme as consultas são realizadas, às entidades emanam vibrações a todos que buscam seu auxílio.

Esta breve descrição sobre o universo umbandista, é importante para que possamos entender o motivo que a umbanda é tão invisível para a sociedade.

afirma que as tradições religiosas de matriz africana apesar de serem significativas, são “camufladas” pelas cidades brasileiras. (BONIFÁCIO 2017). Esta invisibilidade vem trazida a partir de um processo discriminatório sofrido desde o período escravista até em pleno século XXI.

As religiões de matriz africanas são marcadas pelo preconceito, discriminação, intolerância e invisibilidade, além de ter uma trajetória de luta pelo direito de praticar sua religiosidade com liberdade. As religiões afro-brasileiras apresentam uma permanente resistência nos espaços em que convive. PEREIRA (2019). Estas perseguições são motivadas pelo racismo religioso. Termo este que se adequa melhor que “intolerância religiosa”, Segundo Nascimento (2016, p. 15),

A expressão “intolerância religiosa” não é suficiente para entender o que acontece com as comunidades que vivem as religiões de matrizes africanas, pois não é apenas o caráter religioso que é recusado efetivamente nos ataques aos nossos templos e irmãos/os que vivem essas religiões. É exatamente esse modo de vida negro, que mesmo que seja vivenciado por pessoas não negras, que se ataca. Não se trata de uma intolerância no sentido de uma recusa a tolerar a diferença marcada pela inferioridade ou discordância, como podem pensar algumas pessoas. O que está em jogo é exatamente um desrespeito em relação a uma maneira africana de viver.

De acordo com o autor, não é o fato de intolerar a religião, mas discriminar, atacar, desrespeitar, isto se caracteriza como racismo religioso. Apesar disto, a umbanda, mesmo que camuflada, tem um reconhecimento social. Hoje tem a lei 11.635 de 27 de dezembro de 2007, torna esse o "Dia Nacional de Combate ao Preconceito Religioso" e passa a proteger as religiões de matrizes africanas. Entretanto sabe-se que ainda estas religiões precisam lutar muito para se tornarem visíveis aos olhos da sociedade.

A partir destas considerações, surge o papel do bibliotecário de amenizar esta causa social, mas para isso as escolas de biblioteconomia devem trazer disciplinas que abordam tais temas. Valério e Campos (2019) revelam que “os estudos sobre as relações raciais nas grades curriculares dos cursos de Biblioteconomia incrementam a formação do (a) bibliotecário (a) tendo a prerrogativa de uma sociedade menos desigual socialmente”.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para realizarmos essa pesquisa foi utilizada a metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), este método consiste em reunir os discursos realizados nas entrevistas que serão redigidos na primeira pessoa do singular. Lefevre, Lefevre e Marques (2009, p. 1194) explica que são,

Conteúdos de mesmo sentido reunidos num único discurso, por estarem redigidos na primeira pessoa do singular, dar lugar a um acréscimo de densidade semântica nas representações sociais, fazendo com que uma idéia ou posicionamento dos depoentes apareça de modo “encorpado”, desenvolvido, enriquecido, desdobrado.

É uma metodologia que tem como base o depoimento de indivíduos com crenças, tradições, personalidades e valores que se diferem, é uma técnica que reúne conteúdos dos depoimentos feitos em pesquisas sociais.

Para auxiliar nesta pesquisa foi utilizada também a Teoria da Representação Social (TRS), Silva (2018, p. 49) explica que este método facilita o entendimento dos aspectos da realidade e traz um olhar para os problemas sociais.

A partir desta metodologia, foi realizada uma conversa de 20 minutos com 6 estudantes da 8ª fase de biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina, feita por videoconferência. As conversas foram gravadas e depois transcritas para tratamento das informações. Foi necessário também um roteiro para iniciar as conversas, com as seguintes perguntas: a) se você tivesse que conceituar umbanda como você definiria? b) Você acredita que há preconceito com umbanda? b) Você consegue estabelecer alguma relação do bibliotecário em unidades de informação com essa religião? As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas para reunião e tratamento das informações.

Para demais embasamentos e conceitos utilizados na pesquisa, foram efetuadas buscas em bases de dados como Biblioteca Eletrônica Científica Online (SciELO), Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), Portal Brasileiro de Acesso Aberto à Informação Científica (Oasis - IBICT), Google Acadêmico.

4 RESULTADOS

Sobre a Umbanda, foi possível resgatar o entendimento de que a religião surgiu na África. Essa ideia sempre existiu, já que é uma religião que une práticas do candomblé trazidas pelos negros que vieram como escravos da África. A umbanda têm raízes africanas, um povo que veio forçado para o Brasil, traficados de três regiões diferentes: os bantos de Angola, Congo, os bantos de Moçambique, e cada um deles tinha sua forma de cultuar a religiosidade. (OLIVEIRA 2003). Entretanto, esta religião surgiu no Brasil unindo influências indígenas, africanas, kardecistas e católicas,

Entender a constituição da Umbanda é como montar um quebra-cabeças, sendo uma religião sincrética que possui raízes africanas com fortes relações ao Batuque/Candomblé, além de europeias, com a influência da igreja católica e do espiritismo kardecista. Sua relação com os povos indígenas ocorre pela utilização de ervas medicinais e pela figura do pajé representada pelo “caboclo” que seriam espíritos desencarnados que em terra durante uma de suas vidas viveu no Brasil sendo um indígena.(BIRMAN 1985).

Como resultado da pesquisa de campo, o desconhecimento sobre a umbanda foi perceptível, entretanto, foi possível perceber um interesse sobre a religião. De fato, como a umbanda figura como uma religião discriminada em nossa sociedade, logo, invisibilizada, pode gerar nos indivíduos curiosidade.

O desconhecimento sobre a religião se revela também na ideia de que os umbandistas crêem em vários deuses. Presoto (2014, p. 13) explica que

O Universo Umbandista é monoteísta, que se fundamenta na existência de um deus único, e onipotente, podendo ser chamado de Olorum, Zambi, Oxalá ou mesmo de Deus, onde assim como na Igreja Católica, não possui uma representação visível.

Também foi destacada pelos entrevistados a ideia de que a umbanda é “*uma forma de se conectar com o cosmo*”. Segundo Lopes (2011, p1)

Os terreiros de umbanda foram, e muitos ainda são, mais do que um lugar para se cultuar orixás. Apesar de toda a dinâmica e alterações que os cultos sofreram nos últimos anos, não é possível negar que os terreiros ainda são espaços em que trabalhadores, além de

praticar alguma religiosidade, buscam tratamento para o corpo, alma e mente, recorrem à assistência financeira e material.

O preconceito contra a umbanda consiste de um pré-julgamento geralmente com atitudes que discriminam, muitas vezes praticados por pessoas de outras crenças religiosas. Nos resultados foi unânime a compreensão de que há o preconceito religioso em virtude de uma formação de base católico/cristã:

“o cristianismo é umas causas dessa discriminação contra religião”, “ por ser uma religião muito antiga e predominante no Brasil o cristianismo tem muitos adeptos,principalmente a população mais velha,e muitas dessas pessoas são influenciadas por pastores que endemonizam às religões de matrizes africanas”.

O mau exemplo dado por um líder religioso, só faz aumentar o preconceito contra as religiões de matrizes africanas, e anula quaisquer possibilidades de erradicar a intolerância religiosa.(HIEDA; ALVES 2011).

Além dos líderes religiosos, outro fato que aumenta esta discriminação é associação da religião com o racismo:

“o racismo é uma das causas deste preconceito, pois às pessoas associam aos negros”, “as pessoas tem medo daquilo que não conhecem e acaba falando mal”.

É evidente que o fato da umbanda e do candomblé trazerem elementos da cultura africana, faz com que o racismo ande lado a lado com a intolerância religiosa, é um retrato do racismo estrutural. Almeida (2018, p.40) traz uma definição clara sobre este assunto, para o autor “racismo estrutural é uma relação social, ou seja, é a forma de dizer que a raça se manifesta em atos concretos ocorridos no interior de uma estrutura social marcada por conflitos antagônicos”. Neste contexto, fica explícito que o preconceito contra a religião de matriz africana além de serem propagados por líderes religiosos intolerantes que tentam mistificar e difamar a umbanda, também relacionam com o racismo.

O bibliotecário está na sociedade e a sua conduta deve refletir princípios de igualdade social para que possa cumprir sua missão de acesso indiscriminado à informação. Quando olhamos o código de ética do bibliotecário, em seu capítulo II da Natureza, fundamento e objeto de trabalho do bibliotecário. Art 2º, é descrito que

“A profissão de Bibliotecário tem natureza sociocultural e suas principais características são a prestação de serviços de informação à sociedade e a garantia de acesso indiscriminado aos mesmos, livre de quaisquer embargos”. Foi possível revelar o entendimento de que o bibliotecário deve tratar a todos os usuários com igualdade, disseminando a informação sem discriminação.

É extremamente importante o serviço de referência de uma biblioteca, e como já visto, o tratamento aos usuários deve ser igualitário. Contudo, não somente o atendimento é relevante, mas também os sistemas de organização do conhecimento, ou seja, a classificação da informação.

Outra questão revelada nas entrevistas foi a ausência de termos relacionados a religiões de matrizes africanas em sistemas de classificação. Cunha (2008, p. 345) explica que estes “sistemas de classificação auxiliam na organização do acervo de uma biblioteca”. Um exemplo é CDD e CDU que é composta por dez principais classes e cada classe tem suas subdivisões. Os entrevistados concordam que há uma exclusão de religiões de matrizes africanas na classificação de obras. Silva (2018, p.118) nos dá o seguinte exemplo, referente a CDU,

Na classe 259.42 Religião Iorubá, por exemplo, percebemos que o sistema não faz menção direta ao Candomblé ou à Umbanda. A língua que veio da África com negros escravizados e foi a base da linguagem das religiões de matriz africana no Brasil, essencialmente, para o Candomblé, ao nosso olhar, necessitaria ter sido contemplada em categoria específica.

O autor ainda completa que apesar das atualizações constantes no sistema de classificação CDU há uma preferência cristã e que o sistema não representa as religiões de matrizes africanas. Da mesma forma a CDD, onde as classes sobre religião não fazem menção sobre a umbanda ou candomblé. (MIRANDA, 2007).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo acessa o olhar do futuro bibliotecário, a partir de observações feitas durante a pesquisa com os estudantes na última fase do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina.

Nas entrevistas foi possível perceber o desconhecimento sobre a religião umbandista, a curiosidade sobre a mesma, a falta de abordagem na formação bibliotecária na UFSC e uma invisibilidade no processo formativo que se associa a um racismo estrutural, já que a umbanda traz em sua composição elementos da cultura africana. A intolerância religiosa é presente em nossa sociedade em religiões como a umbanda e candomblé, religiões de matriz africana. Apesar de ser uma religião aberta e acessível para todas as pessoas, ainda há uma certa resistência em conhecê-la, por tudo que já foi exposto e no contexto social de famílias com outras crenças e com o tabu na aproximação de tais manifestações religiosas.

Destaca-se nos resultados que o preconceito contra a umbanda existe, através de julgamentos que discriminam os adeptos não somente da umbanda como qualquer outra crença que vai contra a base de formação católico/cristã. Se analisarmos, este preconceito surge em tempos antigos onde a primeira religião do Brasil foi o cristianismo, por ter muitos seguidores, principalmente a sociedade mais velha, além disso muitos são influenciados por líderes de outras religiões, já que eles são exemplos para muitos, esta influência faz aumentar cada vez mais o preconceito religioso. Outra realidade constatada neste artigo é que

Foi observado também que o currículo do curso de Graduação de biblioteconomia da UFSC, embora contenha disciplinas que possam oferecer alguma abordagem sobre o tema, ou possam levantar questões étnico-raciais ou de intolerância religiosa, não garantem tais temáticas na formação do futuro profissional. Os entrevistados não mencionam tal abordagem em sua formação. Estamos falando de um profissional que irá atuar na formação cultural e educacional do indivíduo, em uma sociedade que ainda sofre com episódios graves de racismo e de intolerância religiosa.

Não podemos deixar de evidenciar que o bibliotecário tem o dever de ter uma conduta com princípios de igualdade social e que de acordo com o código de ética a principal característica do bibliotecário é garantir acesso à informação sem discriminação. Portanto, este profissional por ser um educador da comunidade onde atua ele tem uma diversidade de assuntos que mesmo não tendo domínio, revela o caminho para a informação. É visto também que não somente o serviço de referência é importante como também os sistemas de organização do conhecimento, na pesquisa realizada, os estudantes percebem que há uma falta de atualização dos códigos de classificação CDD e CDU, pois há uma exclusão de religiões de matriz

africana na classificação de obras, revelando que estes sistemas de classificação precisam ser atualizados e incluir, não somente às religiões de matriz africana, como também palavras da cultura afro brasileira.

Por fim, espera que essa temática contribua para reflexão de um currículo mais conectado com as problemáticas sociais e tenha desdobramentos para novas pesquisas no ambiente da biblioteconomia no sentido de contemplar este contexto de religiões de matriz africana, mostrando o quão importante é para a formação do bibliotecário e o quanto os professores e o currículo de graduação necessitam maior preparação para esta discussão.

Assim vamos pregar respeito a todas as religiões e também “a bandeira de Oxalá”.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ABECIN). **Projeto Pedagógico e Avaliação da Graduação: referências para a renovação e ressignificação do ensino em Biblioteconomia/Ciência da Informação**. Disponível em: <https://abecin.org.br/publicacoes-da-abebd/>. Acesso em: 28 ago. 2021.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

BARBOSA JÚNIOR, Ademir. **Teologia de Umbanda e suas dimensões**. São Paulo: Anúbis, 2016.

BARROS, Camila Monteiro; CUNHA, Miriam Vieira; CAFÉ, Ligia Maria Arruda. **Estudo comparativo dos currículos dos cursos de biblioteconomia no Brasil**. Informação & Informação, v. 23, n. 1, p. 290-310, 2018. DOI: [10.5433/1981-8920.2018v23n1p290](https://doi.org/10.5433/1981-8920.2018v23n1p290) Acesso em: 06 mar. 2022.

BERGO, Renata Silva. **Quando o santo chama: O Terreiro de umbanda como contexto de aprendizagem na prática**. Belo Horizonte. Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/FAEC-8M6HZ5/1/tese_renata_silva_bergo.pdf. Acesso em: 07 Mar. 2022.

BIRMAN, Patrícia. **O que é umbanda**. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985 (a). (Coleção Primeiros Passos, 34).

BONIFACIO, Welberg Vinicius Gomes. **A invisibilidade das religiões afro-brasileiras nas paisagens urbanas**. Disponível em:

<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/producaoacademica/article/view/3739>. Acesso em: 08 Mar. 2022.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf. Acesso em: 27 ago. 2021.

BRASIL. Código de Ética e Deontologia do Bibliotecário brasileiro – fixa as normas orientadoras de conduta no exercício de suas atividades profissionais. **Diário Oficial da União**: Seção 1, Brasília, DF, p.155– 156, 09 nov. 2018. Disponível em: <http://crb6.org.br/2020/wp-content/uploads/2019/12/Resolu%C3%A7%C3%A3o-207-C%C3%B3digo-de-%C3%89tica-e-Deontologia-do-CFB-1.pdf>. Acesso em: 05 Mar. 2022.

CALDIN, C. F.; MENEZES, E. M.; FACHIN, G. R. B.; BOHN, M. D. C. R. **Os 25 anos do ensino de biblioteconomia na ufsc**. Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, v. 4, n. 7, p. 7-13, 1999. DOI: [10.5007/1518-2924.1999v4n7p7](https://doi.org/10.5007/1518-2924.1999v4n7p7) Acesso em: 27 ago. 2021.

CASTRILLÓN, Silvia. Mudar é difícil mas possível: o desafio ético e político do bibliotecário. In: _____. O direito de ler e de escrever. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.

CIVALLERO, E. Foreword. In: SAMEK, T. **Librarianship and human rights: a twenty-first century guide**. Amsterdam: Elsevier, 2014.

COSTA, Deniz; MIRANDA, Marcos Luiz Cavalcanti. **A organização do conhecimento sobre umbanda e sua representação bibliográfica: uma análise exploratória a partir de registros bibliográficos** *. Informação & Informação, v. 24, n. 3, p. 154-182, 2019. DOI: [10.5433/1981-8920.2019v24n3p154](https://doi.org/10.5433/1981-8920.2019v24n3p154) Acesso em: 07 ago. 2021.

CUNHA, Miriam Figueiredo Vieira da. **O papel social do bibliotecário**. Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, v. 8, n. 15, p. 41-46, 2003. DOI: [10.5007/1518-2924.2003v8n15p41](https://doi.org/10.5007/1518-2924.2003v8n15p41) Acesso em: 13 ago. 2021.

CUNHA, Murilo. Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho Olivera. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília : Briquet de Lemos, 2008.

FERRAZ, Marina Nogueira; DUMONT, Lúgia Maria Moreira. **Dimensões essenciais das bibliotecas públicas**. Ci. Inf. Rev., Maceió, v.5, n.1 p. 11– 28, jan./abr. 2018.

FLOR, Bárbara Costa. CARRARO, Juliana. **Mercado e caridade: as representações sociais na encruzilhada de um terreiro de umbanda**. In: IV Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais. Anais eletrônico... Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://anaiscbeo.emnuvens.com.br/cbeo/article/view/212>. Acesso em: 04 ago. 2021.

HIEDA, Monique Ferreira; ALVES, Angelica .Aparecida. **Intolerância Religiosa A Umbanda: A Perseguição Da Igreja Universal Do Reino De Deus Aos Umbandistas**. Anais Do III Encontro Nacional Do Gt História Das Religiões E Das

Religiosidades –ANPUH -Questões teórico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades. IN: Revista Brasileira de História das Religiões. Maringá (PR) v. III, n.9, jan/2011. ISSN 1983-2859. Disponível em: http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf8/ST7/006%20-%20Monique%20Ferreira%20Hieda_Angelica%20Aparecida%20Alves.pdf. Acesso em: 24 Jan. 2022.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. **Código de ética da IFLA para bibliotecários e outros profissionais da informação**. [S.l.]: IFLA, 2012.

JARDIM, Tatiana. **Umbanda: História, Cultura e Resistência**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <http://www.unirio.br/cchs/ess/tccs/tcc-tatiana-jardim-1>. Acesso em: 04 ago. 2021.

LEFEVRE, Fernando; LEFEVRE Ana Maria Cavalcanti; MARQUES Maria Cristina Costa. **Discurso do Sujeito Coletivo, complexidade e auto-organização**. Ciências e Saúde Coletiva. 2009; 14(4):1193-1204. disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/bLYcq4qWYBjnrZzbVrZmJh/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 04 ago. 2021.

LOPES, Rodrigo Barbosa. **Terreiros: Um estudo sobre a umbanda como prática social**. disponível em: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308182555_ARQUIVO_Terreiros-Umestudosobreumbandacomopraticasocial\(1\).pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308182555_ARQUIVO_Terreiros-Umestudosobreumbandacomopraticasocial(1).pdf). Acesso em: 10. Dez 2021.

MENDONÇA, Cleci. **Um Olhar Sobre o Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina** / Cleci Mendonça – Florianópolis (SC), 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/120703> . Acesso em: 28 ago. 2021.

MIRANDA, M. L. et al. **A organização e a representação do conhecimento em religiões de matrizes africanas: um estudo comparativo dos diferentes sistemas de organização do conhecimento (CDD, CDU e LCSH)**. IN: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 12., 2011, Brasília, DF. Anais...Brasília: UNB, 2011.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do. **Intolerância ou racismo?** Jornal Hora Grande, Outubro - Ano XXI - Edição 167. 2016.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Cosmovisão africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente**. Fortaleza: LCR, 2003.

OLIVEIRA, José Henrique Motta de. **Das Macumbas à Umbanda: uma análise histórica da construção de uma religião brasileira**. Limeira, SP: Editora do Conhecimento, 2008.

OLIVEIRA, Magali Araujo Damasceno.; ALVES, Márcia Valéria.; MAIA, Maria Aniolly Queiroz. **A função social do profissional da informação numa biblioteca inclusiva**. XXV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação – Florianópolis, SC. Disponível em:

<http://repositorio.febab.org.br/files/original/8/2488/1600-1613-1-PB.pdf>. Acesso em: 06 mar. 2022.

PAIVA, Alline Heloisa Valle; CUNHA, Jacqueline de Araujo; MARTINS, Jessica Souza; SILVA, Judson Daniel Oliveira da; SANTOS, Rosa Milena dos. **Biblioteconomia: aspectos da formação bibliotecária no contexto brasileiro**. Revista Informação na Sociedade Contemporânea, v. 1 n. 2, n. 2, p. 1-20, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/66092>. Acesso em: 06 mar. 2022.

PEREIRA, Bárbara Cristina Silva. **Racismo religioso e ideologia do branqueamento no Brasil**. Kwanissa, São Luís, n. 4, p. 59-76, jul/dez, 2019. Disponível em: <http://www.periodicos eletronicos.ufma.br/index.php/kwanissa/article/view/11434/7561>. Acesso em: 08 Mar. 2022.

PRANDI, Reginaldo. **“O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso”**. Estudos Avançados, v. 18, n. 52, 2004, pp. 223-38.

PRESOTO, Aline Da Silva. **Umbanda: da repressão à busca pela aceitação**. Disponível em: http://celacc.eca.usp.br/sites/default/files/media/tcc/artigo_-_celacc.pdf. Acesso em: 30 Nov. 2021.

Ribeiro, Josenilda Oliveira. **Sincretismo Religioso no Brasil: Uma Análise Histórica das Transformações no Catolicismo, Evangelismo, Candomblé e Espiritismo**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2012. Disponível em: <http://estrategistas.com/wp-content/uploads/2013/06/Sincretismo-religioso-no-Brasil-Josenilda-Ribeiro.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2021.

RIGHETTO, Guilherme Goulart.; CUNHA, Miriam Figueiredo Vieira da.; VITORINO, Elizete Vieira. **O papel social do bibliotecário voltado às pessoas trans: aproximações teóricas**. Em Questão, v. 25, n. 1, p. 212-238, 2019. DOI: [10.19132/1808-5245251.212-238](https://doi.org/10.19132/1808-5245251.212-238) Acesso em: 05 mar. 2022.

SILVA, Marcio Ferreira da. **A Questão da Representação das Religiões de Matriz Africana na CDD: Uma Análise Crítica da Umbanda**. Marília 2018 . Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/154433>. Acesso em: 23 Fev. 2022.

SOUSA, Laiana Ferreira; FEITOZA, Rayan Aramís de Brito. **Responsabilidade social do bibliotecário enquanto mediador literário: análise nos currículos dos cursos de graduação em Biblioteconomia no Nordeste do Brasil**. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof/article/view/33492>. Acesso em: 05 Mar. 2022.

SOUZA, Francisco das Chagas de. **Proposta de alteração curricular**. Florianópolis, 2000.

SUNDSTRÖM, Admeire Silva Santos. **Políticas públicas de preservação do patrimônio cultural no Brasil e o papel social do bibliotecário**. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, v. 15, n. 2, p. 106-132, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/113918>. Acesso em: 05 mar. 2022.

TARAPANOFF, Kira; SUAIDEN, Emir; OLIVEIRA Cecília Leite. **Funções Sociais e Oportunidades para Profissionais da Informação**. DataGramaZero , v.3, n.5, 2002.

Territórios do Axé: **religiões de matriz africana em Florianópolis e municípios vizinhos** / Núcleo de Identidades e Relações Interétnicas; Ilka Boaventura Leite (Coordenadora); Thabata J. B. Pinheiro (Projeto Gráfico e Ilustração) – Florianópolis: Editora da UFSC, 2017.

TRAMONTE, Cristina. **Com a bandeira e Oxalá: trajetória, práticas e concepções das religiões afro-brasileiras na Grande Florianópolis**. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, 2001.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Resolução normativa nº 14/CUN, de 25 de outubro de 2011 (Republicada com alterações promovidas pela Resolução nº 3/CUn, de 25 de março de 2014): regulamenta os estágios curriculares dos alunos dos cursos de graduação da Universidade Federal de Santa Catarina.

VALERIO, Erinaldo Dias; CAMPOS, Arthur Ferreira. **Competência informacional para uma formação bibliotecária antirracista**. Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 24, n. 2, p. 321-332, abr.jun., 2019. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1612/pdf>. Acesso em: 08 Mar. 2022.